

A QUESTÃO DA LIBERDADE NO PENSAMENTO POLÍTICO DE HANNAH ARENDT

Profa. Edilene Maria da Conceição

1 Introdução

O presente resumo trabalha o conceito de Liberdade a partir da leitura de Hannah Arendt. Desta feita, desenvolve-se uma comparação entre a liberdade antiga, inspirada pela polis grega e a liberdade moderna, apontando para uma cisão da realidade política. Para tanto, analisa-se de forma detalhada as três atividades da “Vita Activa”: a ação, o labor e o trabalho; donde o momento da passagem ao homo sapiens, da fundação da esfera pública e do exercício pleno da cidadania num espaço de pluralidade e pluralismo apresenta-se necessariamente mediado pelo discurso. É também esse o momento em que a palavra “liberdade” ganha uma feição concreta. Ainda, demonstra-se o totalitarismo como um evento recente e o modo como esse regime, através da ideologia, instaura o terror, criando indivíduos sem identidades. Ao fim, é compreensão do sentido que Arendt atribuiu ao conceito agostiniano de “Amor Mundi” em A Condição Humana, o que fecha este trabalho.

Palavras-chave: liberdade; ação; pluralidade.

Sem dúvida, a obra de Arendt é uma das mais ricas e estimulantes dentre as que tratam da questão da liberdade. Isso se deve ao fato da liberdade ser tratada por ela, como um fenômeno do mundo concreto dos homens e não por meio de abstrações conceituais. Ela nos desperta do nosso acomodamento político e amplia nossa capacidade de compreender os problemas da atualidade.

Arendt entende a liberdade como manifestação do homem no espaço público, mediado pela ação e pela linguagem. Para ela, política sem liberdade é uma compreensão distorcida de política, tanto quanto conceber liberdade sem política. Esse espaço público é o local onde uma significa a outra. Há nessas esferas uma co-originalidade, em que uma dá suporte à outra no tocante a seu significado. Afirma Arendt:

Para a pergunta sobre o sentido da política existe uma resposta tão simples e tão concludente em si que se poderia achar outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade. Tal simplicidade e concludência residem no fato de ser ela tão antiga quanto à existência da coisa política – é na verdade, não como a pergunta, que já nasce de uma dúvida e é inspirada por uma desconfiança. [...] Por

consequente, a pergunta é muito mais radical, muito mais agressiva, muito mais desesperada: tem a política algum sentido ainda? (ARENDRT, 2006, p. 38)

Para Arendt, o campo da política é o campo da ação, que só é possível quando em uso da liberdade e não de uma liberdade teórica, mas de uma liberdade que aparece no mundo fenomênico. Sendo assim, o campo da política está no campo do pensamento plural. “A liberdade, que encontra na pluralidade sua expressão, tem constituição no mundo político onde ocorrem os negócios humanos, de modo que uma liberdade apenas teórica não é capaz de habitar a ação, pois se dá no mundo fenomênico especialmente no seu campo original, o âmbito da política” (ARENDRT, 1997, p. 191).

Na tentativa de obter respostas às grandes e inquietantes questões colocadas pelo seu tempo e à indignação diante dos fatos imprevisíveis que transformaram nossas concepções da dignidade humana, Arendt produz uma das obras mais importantes e significativas do nosso século, a obra *Origens do Totalitarismo*.

Torna-se desafiador, portanto, tentar compreender quais os motivos que impulsionaram Arendt a estudar e denunciar a condição do homem moderno e como ela acredita na capacidade humana de construir um mundo novo. Tendo como base uma pesquisa teórica, o objeto de estudo desse trabalho é o problema da liberdade arendtiana em alguns de seus diferentes aspectos.

2 Metodologia

Este resumo está apoiado, em primeiro lugar, na leitura de *A vida do Espírito*, *A Condição Humana e Origens do Totalitarismo* e de outras obras: *Entre o Passado e o Futuro*, *Crises da República*, *a Dignidade da Política*, *Da Revolução*, *O que é Política?* e *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Essas obras nos fornecem uma exposição dos pressupostos fundamentais da filosofia política de Hannah Arendt acerca da liberdade no âmbito do seu pensamento político. Utilizamos outras obras de Hannah Arendt, obras de autores que comentam o seu pensamento e obras de autores que têm trabalhado com a temática da liberdade no campo do espaço político.

No primeiro momento apresentaremos o conceito arendtiano de liberdade e como ela trata essa questão no âmbito político, através de concepções de autores mencionados por ela e autores modernos. Desenvolveremos, ainda, uma comparação entre a liberdade antiga, inspirada pela *polis* grega e a liberdade moderna que sofreu uma cisão da realidade política.

Também, neste primeiro momento, analisaremos de forma detalhada as três atividades da “Vita Activa”: a ação, o labor e o trabalho.

No segundo momento, abordaremos a questão da ruptura entre filosofia e política na antiguidade. Nesse momento, demonstraremos como essa ruptura acontece. Desde o declínio das cidades-estado antigas, a *vita activa* perdeu a dignidade de ação livre e passou a significar apenas a atividade dos homens enquanto movidos pela necessidade. O modo de ser liberto das necessidades da vida terrena transferiu-se para a *vita contemplativa*. Também neste momento, trataremos da questão da ausência de liberdade num regime considerado por Arendt, totalmente novo, o totalitarismo, e de como esse regime, através da ideologia, instaurou o terror, criando indivíduos sem identidades.

No terceiro e último momento, mostraremos os caminhos percorridos por Arendt para superar o hiato entre filosofia e política e como ela tenta resgatar a liberdade política através da faculdade da vontade, do processo revolucionário e do *amor mundi*.

3 Resultados

Ao longo deste trabalho constatamos uma preocupação constante de Hannah Arendt quanto à compreensão da condição do homem inserido no projeto moderno e verdadeiro alcance desse projeto para a atualidade. Um projeto que, segundo Arendt, mudou com o papel que o homem, no mundo antigo, desempenhava na política.

Houve uma grande ruptura que aumentou a distância que separa a época moderna da antiguidade e, principalmente, a concepção que ambas têm do mundo político. Na época antiga, por exemplo, o indivíduo ganhava valor quando passava a pertencer à comunidade e voltava-se para a realização do interesse comum. A vida pública tinha um grande valor. Já a modernidade muda o papel do homem e seu foco de interesse que passa a ser um interesse privado, ocupando um papel diferenciado na organização política. O indivíduo e seu bem-estar constituem o ponto de partida e objetivo dessa esfera. A ênfase dada ao indivíduo e não mais ao cidadão revela as alterações radicais ocorridas na fronteira que separa a esfera pública e a esfera privada.

4 Conclusão

Se a liberdade individual constitui, no mundo de hoje, um fenômeno indispensável para resistir à nulidade humana imposta pela sociedade de massa, é, contudo, a liberdade

política que assegura ao homem uma identidade e legitima a lei da Terra: a pluralidade, considerando que não é o homem, mas os homens que habitam o mundo. Enfim, a ausência da liberdade política produz um mundo previsível e repetitivo onde a única esperança é o dom da ação presente em cada homem, ou seja, o milagre da ação inovadora.

E, segundo Arendt, fazer política sem liberdade é distorcer o verdadeiro sentido da política. A isso Arendt chama a atenção da seguinte forma: “Para a pergunta sobre o sentido da política existe uma resposta tão simples e tão concludente em si que se poderia achar outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade”.

O mundo criado pelos homens, segundo Arendt, deve ser um mundo de liberdade, um espaço de realizações que se revela na pluralidade das práticas humanas e que se configura nas relações de coragem, liberdade, amizade e amor ao mundo, tornando possível novos inícios criativos por intermédio de suas ações.

O pensamento de Arendt aqui não se esgota. Se formos capazes de identificar as direções que seu pensamento apontou e a fecundidade de seus caminhos, já atingimos o nosso objetivo: compreender os meandros de um pensamento um tanto irrequieto que não se detém perante as dificuldades mais intransponíveis.

5 Referências

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 4 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Mauro Barbosa de Almeida. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. *Da Revolução*. Trad. Fernando Dídimo Vieira. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Trad. Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. *O que é política*. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. *A vida do espírito*. 5 ed. Trad. Antônio Abranches, César Augusto de Almeida, Helena Martins, Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ Ed. UFRJ, 2002.

_____. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann, São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. *Responsabilidade e Julgamento*. Trad. Rosaura Einchenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Crises da República*. Trad. José Volkmann. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004

_____. *O Conceito de Amor em Santo Agostinho: ensaio de interpretação filosófica*. Trad. Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.